

TRABALHO E VIVÊNCIA COTIDIANA NO COMPLEXO CANAVIEIRO: A EXPERIÊNCIA DO MIGRANTE NORDESTINO EM ITURAMA-MG

Regina Maria de Souza- FHDSS/UNESP

Orientadora: Profa. Dra. Helen Barbosa Raiz Engler- FHDSS/UNESP

RESUMO

Este trabalho analisou o cotidiano de trabalhadores migrantes nordestinos inseridos, nos anos 1990, no setor sucroalcooleiro do município de Iturama-MG, que apesar de desempenharem papel importante nesse setor produtivo, são alvo de preconceito. Analisou-se um grupo selecionado de trabalhadores residentes no bairro periférico Antônio Bráulio. A pesquisa de modalidade qualitativa realizada por meio de aplicação de entrevista semiestruturada, analisou aspectos como nível de escolaridade, renda, acesso a bens de consumo, condições de moradia, a consciência que os referidos trabalhadores tem de sua realidade, a ocorrência de transformações em suas condições sócio-econômicas e culturais a partir da migração.

Palavras-chave: trabalho. migração. setor sucroalcooleiro. preconceito. sociedade.

ABSTRACT

This study analyzed the daily migrant workers entered the Northeast in the 1990s, the sugar cane industry in the city of Iturama-MG, while playing important role in this productive sector are the target of prejudice. We analyzed a selected group of workers living in the outlying neighborhood Bráulio Antonio. The qualitative research method performed by applying semi-structured interviews, examined issues such as schooling, income, access to consumer goods, housing conditions, the awareness that such employees have of their reality, the occurrence of changes in their socio-economic and cultural from the migration.

Keywords: work. migration. alcohol sector. prejudice. society.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Albuquerque Junior (2007) tratar da forma como se estabelecem marcos e fronteiras, de como se simboliza a separação espacial, e se nomeia o próprio território e o do outro, de como se domina o próprio grupo e os que representam alguma oposição, é tratar das lutas e guerras e da forma como a maioria dos grupos humanos procura estabelecer, por meio da percepção das diferenças, a sua identidade. Como pautam-se no conhecimento das diferenças, que são consideradas negativas pela maioria, surge o preconceito, sendo que o de origem geográfica é justamente aquele que marca um indivíduo simplesmente por pertencer a um outro país ou região. No contexto brasileiro, os trabalhadores pobres que migram do Nordeste são especialmente marcados pelo preconceito, na medida em que, ao nordestino, está vinculada uma imagem de que são retirantes, miseráveis e famintos, que inspiram piedade e medo, constituindo estereótipos que vem sendo reproduzidos pelo cinema, pela literatura e pela música. A região Nordeste do Brasil, historicamente relegada ao atraso, apresenta um grande número de trabalhadores em situação de vulnerabilidade social e econômica, sem

acesso ao trabalho formal ou à remuneração condizente com as demandas familiares. Diante dessa situação, o Nordeste mantém uma lógica de expulsão de trabalhadores que, não conseguindo produzir em suas pequenas propriedades ou sem acesso aos meios de produção, acabam por deslocar-se para o Centro-Sul em busca de trabalho. Nas últimas décadas, encontraram ocupação temporária na agroindústria do setor sucroalcooleiro, que apresentou expansão no período.

A inserção de trabalhadores migrantes nordestinos no complexo canavieiro em Iturama, município do Estado de Minas Gerais, constitui-se em um exemplo de como se configura o conjunto de relações estabelecidas entre a organização empresarial, os trabalhadores e a população local. Esses migrantes, ao longo da década de 1990, alijados de condições de trabalho capazes de inclui-los na sociedade de consumo em sua região de origem geográfica, migraram e trouxeram consigo os seus familiares, na expectativa de obtenção de emprego e renda. Abandonaram laços de parentesco, amizade em sua região de origem e convivem com expresse preconceito em relação às suas especificidades de linguagem, identidade cultural, usos e costumes.

2 O TRABALHADOR MIGRANTE NORDESTINO E SUA INSERÇÃO NO BAIRRO ANTÔNIO BRAÚLIO: ESPAÇO DE VIDA OU ESPAÇO DE SEGREGAÇÃO?

O indivíduo é formado por meio das interações sociais concebidas ao longo dos anos e, mesmo quando sozinho, mantém o “habitus” de sua sociedade de origem. “A vida social supõe entrelaçamento entre necessidades e desejos em uma alternância entre dar e receber. A razão e a mente não são substâncias, mas produtos de relações em constantes transformações.” (BONIN, 2007, p. 60). O ato de viver em grupo mostra-se uma tarefa difícil; entretanto, a convivência entre os que possuem distintas regras de relação e também de poder, representa um obstáculo ainda maior, sobretudo, para novos grupos que intentam uma aproximação com antigos. Dessa forma, indivíduos provenientes de outras sociedades, que migram, estão obrigados a conviver, em seu espaço de trabalho e em várias situações sociais, com pessoas que nem sempre os aceitam como iguais e, não raro, tornam-se alvo de preconceito. Em seu espaço pessoal de vida, quando lhes é facultada a possibilidade de escolha, costumam passar as horas de folga com membros da família ou vizinhos e ainda, os membros de mais de uma família procuram realizar juntos um conjunto de atividades de lazer, religiosas ou tradicionais. A necessidade de configuração dessa modalidade de vínculos levou os migrantes nordestinos a deslocarem também suas famílias para Iturama. De fato, todos os chefes de família que cooperaram com essa pesquisa de campo migraram a partir dos anos 1990, 4 (quatro) deles já com todos os familiares, outros 6 (seis) migraram inicialmente sozinhos e entre o ano de migração e o ano de 2001, trouxeram esposa e filhos. Dois trabalhadores que, em princípio deslocaram-se solteiros para Iturama, retornaram às suas regiões de origem para constituir família e deslocaram-se, em definitivo, para Iturama. Dentre os entrevistados, 10 (dez) famílias habitam em imóveis próprios e apenas 2 (duas) alugam os imóveis em que habitam. Conforme será destacado na sequência, as famílias costumam

visitar-se e é visível o hábito de conversar e ouvir música nas calçadas das habitações. Quanto à constituição e tamanho das famílias, os entrevistados afirmam a necessidade de redução do número de filhos, o que se somou ao acesso a práticas de controle de natalidade, configurando núcleos familiares, que em sua maior parte, (cerca de 67% do total), constitui-se do casal e dos filhos, numa média de 4 (quatro) a 6 (seis) pessoas. Famílias constituídas por uma média de 1 (uma) a 3 (três) pessoas representam 25% do universo entrevistado e apenas 8% têm entre 7 (sete) e 10 (dez) pessoas. São raras as famílias compostas por mais de 10 (dez) pessoas, o que ocorre quando agregam-se sobrinhos, primos, irmãos e pais do casal, que migram em busca de trabalho.

Há uma clara consciência de que o processo de escolarização e a formação profissional são determinantes para a inserção de seus filhos no mercado de trabalho e que o nível de renda da família impossibilita o acesso a esses recursos quando as famílias são muito numerosas. Percebe-se que os casais de trabalhadores migrantes nordestinos valorizam as tradições religiosas e ressentem-se da inexistência, em Iturama, de festas e comemorações ligadas à religião católica. A restrita atuação exercida pela religião católica no bairro e a emergência recente de denominações religiosas protestantes, que se proliferam, o que deve diminuir, nos próximos anos, a preponderância de católicos entre os migrantes. Entre 1994 e 2009, uma década e meia, algumas das famílias que migraram apresentavam, em sua composição, adolescentes que, agora adultos, formaram novas unidades familiares, cujos chefes também empregam-se no setor sucroalcooleiro, perpetuando a dinâmica estabelecida pelos pais. No universo das famílias entrevistadas, que originalmente migraram para Iturama e, possivelmente, cresceram em número de componentes, existem 9 (nove) crianças menores de 7 (sete) anos; 12 (doze) crianças com idade entre 7 (sete) e 14 (quatorze) anos e 7 (sete) indivíduos com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos.

A totalidade das crianças em idade escolar está matriculada e frequente às aulas. Os adolescentes e adultos, que abandonaram o processo de escolarização e moram com os pais e os irmãos, não fazem nenhum curso de formação profissional ou supletivo. Alegam estar desempregados e, portanto, com renda insuficiente para arcar com os custos de sua educação ou ocupados no setor sucroalcooleiro, submetidos a baixa remuneração, jornada exaustiva e horários incompatíveis com os das escolas regulares e faculdades. Isso se traduz na fala de um cortador de cana-de-açúcar, de aproximadamente 25 anos, analfabeto:

Como eu trabalho o dia inteiro, chego em casa muito cansado e não tenho ânimo pra estudar. (Lucas)

É possível perceber também que se constroem com o fato de chegarem à idade adulta analfabetos ou com baixa escolarização, o que também representa uma barreira ao retorno à escola. Inseridos em uma sociedade que valoriza o rápido trânsito da informação por meio de jornais, revistas, televisão, internet, torna-se constrangedor admitir-se excluído e, como não são incentivados a mudar

essa condição, permanecem analfabetos. A constatação de que os adolescentes e jovens que migraram para Iturama, ainda na infância, com seus pais e empregam-se hoje em atividades muito semelhantes a dos pais, o fato de expressarem conformismo e aceitação de sua condição de eternos migrantes, conduz à compreensão de que não são levados no processo de escolarização a refletir sobre seus direitos, necessidades e possibilidades de reconhecer como legítima sua inserção neste novo contexto sócio-econômico e cultural, tendo preservada sua individualidade e respeitada a sua cidadania. As crianças menores de 14 (quatorze) anos são alvo de brincadeiras por parte dos colegas, devido às especificidades de linguagem e costumes, mas alegam que não são discriminados por professores e funcionários da escola. Afirmam, de forma categórica, que a qualidade do ensino em Iturama é melhor do que em suas cidades de origem e usaram expressões como “mais puxado”, “melhor”, “o professor cobra mais” para diferenciar o processo de ensino-aprendizagem na escola de Iturama e em suas cidades de origem.

O relato apresenta um dado importante: a possibilidade de acesso à merenda escolar que, para várias famílias, serve como complementação alimentar das crianças. A observação do cotidiano das famílias entrevistadas mostra que as condições sócio-econômicas e culturais não são adequadas, uma vez que dividem a escola e a unidade de saúde com outros 3 (três) bairros, não tem um posto policial, biblioteca, centro de lazer ou o prédio de uma associação de bairro que ofereça opções de lazer, o que limita as possibilidades de práticas de esportes, manifestações culturais expressas em festas típicas ou brincadeiras educativas para as crianças. Mas uma reflexão sobre o contexto a partir do qual migram, mostra, por meio dos relatos dos próprios migrantes, que em suas regiões de origem geográfica as escolas são piores, não há acesso a saúde e a remuneração é menor para as mesmas ocupações. Esses são os argumentos que utilizam para justificar a migração e a necessidade de permanecer em Iturama, definitivamente, ou, pelo menos, até a aposentadoria.

Demonstram uma atitude fatalista diante do trabalho e não acreditam na possibilidade de ascensão profissional. Verifica-se que as atividades profissionais desenvolvidas pelos trabalhadores entrevistados predominantes são as de baixa qualificação. De fato, não existem muitas opções, além dos cargos de operador de máquinas e equipamentos agrícolas, montagem das máquinas da indústria, motorista, soldador, tratorista, sendo que 51% desses trabalhadores estão ocupados na queima e corte da cana-de-açúcar. Além disso, existem duas modalidades de inserção no setor sucroalcooleiro: os trabalhadores com vínculo efetivo e os contratados para o período da safra. Os primeiros estão inseridos, predominantemente, nas atividades de operador de máquinas industriais, na montagem e desmontagem (manutenção) das máquinas e equipamentos utilizados no processo industrial e no trabalho nas caldeiras. Já os contratados por safra dividem-se em trabalhadores incumbidos do plantio, queima e corte da cana-de-açúcar, os motoristas e tratoristas, contratados pela usina e por fornecedores. Os trabalhadores contratados de forma permanente, além de não serem demitidos no período da entressafra, contam com salário durante os doze meses do ano, recebem 13º salário e o chamado “prêmio”, que se constitui em uma gratificação obtida com base na maior ou menor

produtividade da empresa, durante o período produtivo. Também são beneficiados com plano de saúde e transporte. Os trabalhadores contratados para o período da safra, pela Usina ou por fornecedores particulares, são pagos durante esse período, que dura em torno de 9 (nove) meses, recebem seus direitos trabalhistas proporcionalmente, mas ficam sem trabalho durante o período da entressafra. Não são beneficiados por plano de saúde, são responsáveis pela própria alimentação e não têm direito a benefícios como o “prêmio”¹. É possível creditar à necessidade de obtenção de trabalho com remuneração superior à obtida em sua região de origem, a inserção no setor sucroalcooleiro e, sobretudo, a sujeição a um ritmo e carga horária que podem tornar o trabalho nocivo ou perigoso. Marx (1985, p. 105) afirma que “O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta, portanto, que produza em geral. Ele tem de produzir mais-valia. Apenas é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou serve à autovalorização do capital.” Nesse processo, considera-se apenas a capacidade de o trabalhador executar as tarefas que lhe são atribuídas em detrimento de sua satisfação pessoal com o trabalho ou da garantia de que sua saúde física e psíquica não serão afetadas.

Para Mendes (2005) isso ocorre quando o trabalho induz ou obriga os que o realizam, que o façam em condições que se tornam adversas, nocivas ou perigosas, não necessariamente pela sua qualidade, mas pela quantidade que, se for excessivamente elevada, pode acarretar dano à saúde. Como os rendimentos são obtidos com base na produtividade alcançada, o ritmo de trabalho é acelerado e o intervalo para almoço é desrespeitado pelos próprios trabalhadores, que preferem almoçar rapidamente, num período de não mais que 15 (quinze) minutos, e utilizar o tempo restante para aumentar a quantidade de cana-de-açúcar cortada. Consequentemente, não concedem ao organismo o tempo necessário para a realização da digestão dos alimentos ingeridos. Alegam que a utilização dos equipamentos de segurança aumenta a já excessiva temperatura ambiente. Algumas atividades podem tornar-se nocivas, se realizadas de forma intensa (ritmo, velocidade) e/ou por tempo demasiadamente longo, cruzando a fronteira do prazeroso ou agradável, para entrar no território do francamente prejudicial ou lesivo ao corpo e ou à mente do trabalhador. Sabe-se que essa não é uma escolha pessoal dos trabalhadores, os quais, por não deterem o controle dos meios de produção, sujeitam-se a ritmos e exigências que lhes são impostos pelo processo de produção capitalista:

Não necessariamente nocivos ou perigosos por sua natureza em si, inúmeros processos de trabalho podem tornar-se prejudiciais à saúde, graças à intensidade dos gestos de trabalho ou da utilização dos meios de trabalho, e ou de sua duração nas jornadas diárias, semanais, mensais, anuais, e, às vezes, na vida inteira. (MENDES, 2005, p. 104)

De forma geral, as principais condições psicossociais do trabalho são: o alto desgaste ativo, o alto desgaste passivo e o baixo desgaste, que resultam da interação de altas ou baixas demandas, e de

¹ A empresa estabelece a cada ano uma meta de resultados, que se alcançada gera para os funcionários uma remuneração extra, como que um 14º salário.

altos níveis de autonomia ou poder de decisão, ou de baixos níveis de autonomia ou poder de decisão. No âmbito dessa pesquisa, cabe caracterizar os ambientes de trabalho de elevado desgaste, aqueles com altas demandas psicológicas e baixo poder de decisão, em que são esperadas manifestações acima da média de desgaste mental, tais como fadiga, ansiedade, depressão, além de manifestações de desgaste físico que, com o tempo, impactam negativamente tanto no desempenho do trabalhador no ambiente de trabalho quanto nas atividades típicas da vida cotidiana como o relacionamento com a família e os amigos; a disposição para participar do processo de escolarização ou ainda, para cursos de capacitação profissional ou, ainda, para atividades de lazer, como festas, esportes, além do sentimento de inadequação à aquele espaço de trabalho e à sua vida pessoal. Em decorrência das dificuldades encontradas, o consumo de bebidas alcoólicas e tabaco é uma forma de buscar alívio para o desgaste físico e psicológico proveniente da carga horária global executada. A observação das características físicas dos trabalhadores migrantes aponta para uma idade cronológica superior à que possuem de fato. Ao se declararem analfabetos ou com baixa escolaridade, os trabalhadores migrantes também levantam a questão da barreira que essa condição interpõe entre eles e melhores ocupações no mercado de trabalho. Cabe lembrar, que o trabalho tem um significado fundamental para eles, na medida em que representa a dimensão concreta de seu existir na sociedade, a renda para subsistência da família, a casa própria e o acesso aos bens de consumo (aparelhos de som, geladeira, televisão, celular e motos) tal qual os demais moradores da cidade, garantindo que, por meio da expansão da capacidade de comprar, adquiram um mínimo de dignidade e respeito. A baixa escolaridade, uma formação profissional precária, o fato de ocuparem postos de trabalho usualmente rejeitados pelos moradores locais, o estigma de serem migrantes, que falam e se alimentam de forma distinta, estabelecem fortes fatores de exclusão, o que torna o trabalho e a renda obtida um importante elemento de inclusão.

3 A DIMENSÃO DO TRABALHO NO COTIDIANO DO MIGRANTE PROVENIENTE DO NORDESTE BRASILEIRO: REFLEXÕES A CERCA DA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

A comparação da atual renda mensal da unidade familiar com a renda obtida antes da migração, explicita que esta também é um fator de expulsão. O resultado atual comparado com a renda obtida nas cidades de origem mostra grande disparidade. Cabe ressaltar que, à exceção de três das famílias entrevistadas, a renda total é constituída apenas pela renda do chefe de família. Nessas três famílias, duas contam com a renda de um aposentado e, na outra, a esposa trabalha em um supermercado. Verificou-se que 5 (cinco) dos 12 (doze) entrevistados afirmaram ser a renda da família, na cidade de origem, menor de $\frac{1}{2}$ salário; outros 5 (cinco) entrevistados recebiam entre $\frac{1}{2}$ e 1 (um) salário mínimo. Dessa forma, pode-se concluir que 10 (dez) dos 12 (doze) entrevistados supriam

as necessidades familiares com, no máximo, 1 (um) salário mínimo. Apenas 2 (dois) entrevistados obtinham renda mensal entre 1(um) e 2 (dois) salários mínimos. A mudança qualitativa na realidade dessas famílias é significativa, se comparada à sua condição atual a capacidade de consumo proporcionada pela renda anterior. A partir da migração, a família tem acesso à alimentação, a bens de consumo duráveis e leves, tornam-se donos ou com capacidade para pagar aluguel de uma moradia em local com infraestrutura (energia elétrica, sistema de esgoto, escola e unidade de saúde), contidas atualmente, no bairro Antônio Bráulio. O que não significa, na prática, que agora têm acesso a uma parcela substantiva da renda que geram ou que deixaram de trabalhar em atividades precárias, com uma carga horária intensa e exaustiva. Cabe ressaltar que a elevação da renda familiar não significa necessariamente que essas famílias de trabalhadores foram incluídas na sociedade local. Quando questionados sobre a possibilidade de permanecerem em suas regiões de origem, caso tivessem trabalho nas mesmas condições encontradas em Iturama, a maioria (sete entrevistados) afirmou que não teria migrado e os demais mencionaram que, de qualquer forma, migrariam. Devido à série de dificuldades elencadas anteriormente, 11 (onze) entrevistados, asseguram que não têm intenção de voltar, induzindo-os a permanecer em Iturama. Os trabalhadores migrantes asseveram que preferiam ficar em suas regiões de origem e que poderiam tê-lo feito, caso tivessem condições de emprego e renda parecidas com as atuais, mas como não as têm, transferem-se para outras regiões. Os entrevistados demonstram a necessidade de se posicionar e se legitimar na sociedade por meio do trabalho e, para isso, qualquer sacrifício é válido. Acrescentam ainda que sentem o desejo de ingressar em outra atividade profissional, mas reconhecem que a baixa escolaridade é uma barreira. Os trabalhadores migrantes do bairro Antônio Bráulio estão submetidos a um processo de exclusão, que se fundamenta no preconceito em relação à sua origem geográfica e esta remete a um conjunto de usos, costumes, traços culturais e características historicamente vivenciadas por eles e seus antepassados e que não deveriam ser consideradas como obstáculo à sua inserção em qualquer meio social.

Pochmann e outros (2005) apresenta o acesso à cultura como uma forma de inclusão social, uma vez que, dentre as formas de exclusão no Brasil, encontra-se o difícil acesso, por parte das classes menos favorecidas, aos bens culturais. Entende-se aqui a cultura como um conjunto de signos, narrativas alegóricas, figuras típicas, manifestações coletivas, práticas sociais que tornam visíveis as formas utilizadas pelos integrantes de um grupo social para compreender a realidade em que estão inseridos:

Diante desta perspectiva, a cultura – em sua diversidade de linguagens e temas, situações e estilos, independentemente de sua classificação como erudita, popular ou de massa – pode ampliar ou aprofundar (como também encobrir), uma realidade social e humana, evidenciando dessa realidade as características de suas contradições sociais. (POCHMANN et al, 2005, p. 87).

Oriundos de uma sociedade com práticas sociais diferentes, com especificidades étnicas, linguísticas, religiosas, musicais, geográficas, os trabalhadores migrantes nordestinos, residentes no bairro Antônio Bráulio, não têm essas práticas incluídas em sua vida social. Em primeiro lugar, por não estarem organizados como grupo capaz de reproduzir seus costumes, hábitos, tradições, valores e comportamentos; em segundo por não existir um conjunto de programas públicos capazes de contribuir para essas práticas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da introdução do complexo canavieiro em Iturama, na década de 1980, e de sua reestruturação e avanço de suas atividades produtivas, nos anos 1990, esse segmento produtivo começa a demandar, tanto grandes extensões de terra para a produção de cana-de-açúcar quanto de trabalhadores migrantes para a execução de suas atividades. O referido fluxo de migrantes transforma-se em parte importante do processo produtivo do setor, mas não se verifica a análise das condições a que são submetidos esses trabalhadores, seja no ambiente de trabalho, seja em seu espaço de vivência cotidiana. Na verdade, o que se verifica em Iturama é a reprodução do que ocorre em outros municípios, estados e regiões brasileiras: a manutenção de uma lógica de precarização do trabalho e de inserção social, em relação às quais esses trabalhadores estão alheios, já que não lhes foi dada, ao longo de sua história pessoal, a possibilidade de refletir sobre sua condição, seus direitos e reais necessidades, que vão além de alimentação e de moradia. Em Iturama, grupos de trabalhadores migrantes optaram, nos anos 1990, por fixar-se na cidade com seus familiares. O fato de ocuparem a periferia, em condições de extrema vulnerabilidade social, pressionou o poder público a lotear uma área, na qual foram estabelecidos, dando origem ao bairro Antônio Bráulio. A organização de um bairro capaz de receber esses grupos de trabalhadores, apresenta uma lógica de “limpeza” de espaços de pobreza extrema, já que viviam em barracos de madeira e lona e foram transferidos para uma área loteada, que posteriormente recebe infraestrutura básica. Realmente, após a migração, os membros da família contam, além do exposto acima, com a possibilidade de adquirir bens de consumo e infraestrutura básica, mas continuam sem condições de apropriar-se de porcentagem significativa da renda, cuja geração demanda seu trabalho.

Encontram-se no bairro Antônio Bráulio, em um contexto de segregação, pois, mesmo integrando a principal atividade produtiva do município, são eternos migrantes, impossibilitados por sua origem geográfica, suas especificidades linguísticas, alimentares, culturais, de constituírem-se em membros efetivos da sociedade local. Por fim, pode-se afirmar que a questão da migração de trabalhadores nordestinos para o Centro-Sul e, em especial, para Iturama, é uma temática que propicia amplas considerações, cujo estudo não se esgota nesta pesquisa, em particular. Ao contrário, as conclusões aqui expressas devem servir de ponto de partida para outras pesquisas, mais específicas e

capazes de contribuir para modificação da realidade vivenciada por esses trabalhadores, acostumados com a adversidade e com diversidades.

5 REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar:** as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.
- BIARNÉS, J. O ser e as letras: da voz à letra, um caminho que construímos todos. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, pp. 137-161, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200009>. Acesso em: 22 fev. 2009.
- BONIN, L. F. R. Indivíduo, cultura e sociedade. In: STREY, M. N.(et al) **Psicologia social contemporânea**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 58-72.
- BORGES, L. H. Trabalho e doença mental: reconhecimento social do nexo trabalho e doença mental. In: SILVA FILHO, J. F. ; JARDIM, S. (Org.) **A danação do trabalho:** relações de trabalho e o sofrimento. Rio de Janeiro: Te Corá, 1997. p. 193-201.
- BRANDÃO, C. A. **Triângulo Mineiro:** Capital comercial, geopolítica e Agroindústria. 1989. 183 f. Dissertação. (Mestrado em Ciências Econômicas) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.
- COSTA, M. L. O. **Setor sucroalcooleiro:** da rígida intervenção ao livre mercado. São Paulo: Método, 2003.
- DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ed FGV, 2007.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Belo Horizonte, 2000. Disponível em: <<http://www.fjp.gov.br>> Acesso em: 5 abr. 2009.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- GOLGHER, A. B. **Fundamentos da migração**. Belo Horizonte: Ed. UFMG: CEDEPLAR, 2004. (Texto para discussão, nº 231).
- HOBSBAWN, E. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- _____. IBGE cidades @. **Iturama-MG**. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 5 abr. 2009.
- KOWARICK, L. **Trabalho e vadiagem:** a origem do trabalho livre no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LEITE, M. P. **O futuro do trabalho:** novas tecnologias e subjetividade operária. São Paulo: Scritta, 1994.
- LENIN, V. I. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MARX, K. **O capital**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. v. 2.
- MATTOSO, J. **A desordem do trabalho**. São Paulo: Scritta, 1995.
- MENDES, R. (Org.) **Patologia do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2005.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec; Abrasco, 1998.
- MULLER, G. Agricultura e industrialização do campo no Brasil. **Revista de Economia Política**, São Paulo. v. 2/2, n. 6, p. 47-77, abr./jun. 1982.
- OSÓRIO, L. C. **Psicologia grupal:** uma disciplina para o advento de uma era. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- POCHMANN, M. et al. **Agenda não liberal da inclusão social no Brasil:** Atlas da exclusão social. São Paulo: Cortez, 2005. v. 5.
- SELIGMANN-SILVA, E. Psicopatologia e saúde mental no trabalho. In: MENDES, R. (Org.) **Patologia do Trabalho**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2005.

SHIKIDA, P. F. A.; NEVES, M. F.; REZENDE, R. A. Notas sobre dinâmica tecnológica e agroindústria canavieira no Brasil. In: MORAES, M. A. F. D.; SHIKIDA, P. F. A. (Org.) **Agroindústria canavieira no Brasil: evolução, desenvolvimento e desafios**. São Paulo: Atlas, 2002. Cap. 5, p. 120-136.

SILVA, J.G. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: Ed UNICAMP, 1996.

SILVER, B. J. **Forças do trabalho: movimentos de trabalhadores e globalização desde 1870**. São Paulo: Boitempo, 2005.

SOUZA, I. **Migrações internas no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980.

SOUZA, R. M. **O Setor Informal da Economia, com ênfase para a região do Triângulo Mineiro - Uberlândia**. 1996. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharel em Ciências Econômicas) - Instituto de Economia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1996.

USINA CORURIFE. **Histórico**. Disponível em:
<http://www.usinacoruripe.com.br/a_empresa/historico.asp> Acesso em: 10 mar. 2009.

ZELDIN, T. **Uma história íntima da humanidade**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.